

PROJETO MOMENTO EDUCATIVO

4ª Edição: Educação Financeira na Infância

7 de novembro de 2017

PROGRAMAÇÃO:

- **17:00 - Credenciamento (15min)**

- **17:15 - Abertura (5 min)**

Expositor: Amauri Artimos da Matta, Promotor de Justiça e Coordenador do Procon-MG

- **17:20 – Mesa-redonda: Educação Financeira na Infância (80min)**

Expositores: Yara Silva Ávila – Psicóloga Clínica/Educacional com atedimento à criança, adolescente, família e adulto, psicopedagoga, educadora e gestora RH e ambiental.

Adriana Fileto - Educadora Financeira, autora do livro "Cuide do seu bolso e do planeta - Um guia para decisões financeiras sustentáveis" (Editora Miguilim), economista e mestre em Administração, sócia-proprietária da empresa Jogo Bom - Educação Sustentável.

Cristina Silveira – Psicóloga, psicopedagoga, psicanalista, mestranda em Educação, especialista em neuropsicopedagogia e em educação inclusiva

- **Mediador:** Amauri Artimos da Matta, Promotor de Justiça e Coordenador do Procon-MG

- **18:40 – Esclarecimento de dúvidas (20min)**

- **19:00 – Encerramento**

Público-alvo

Educadores, integrantes do Sistema Estadual de Defesa do Consumidor (SEDC), universitários e população em geral.

Local

**Auditório Procuradora de Justiça Simone Montez
Pinto Monteiro (Salão Vermelho) PGJ/MG**

Av. Álvares Cabral, 1690 , 1º andar, bairro Santo Agostinho
Belo Horizonte, MG

**MINISTÉRIO PÚBLICO
DO ESTADO DE MINAS GERAIS**
PROCURADORIA-GERAL DE JUSTIÇA

TRANSCRIÇÃO DO

**PROJETO MOMENTO EDUCATIVO
4ª EDIÇÃO: EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA
INFÂNCIA**

ESCOLA ESTADUAL DE DEFESA DO CONSUMIDOR/PROCON-MG

7 de novembro de 2017

Presidência:

Amauri Artimos da Matta

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Boa tarde a todos. Eu queria agradecer a presença de todos nessa 4ª Edição do Projeto Momento Educativo. Nós vamos discutir a Educação Financeira na Infância.

Eu queria agradecer a presença e a ajuda da Yara Silva Ávila, que é psicóloga clínica educacional, com atendimento à criança, adolescente, família e adulto. Psicopedagoga, educadora e gestora RH e ambiental. Muito obrigado, viu, Yara?

Agradecer a colega Adriana Fileto, que é educadora financeira, autora do livro Cuide do Seu Bolso e do Planeta, Um Guia Para Decisões Financeiras Sustentáveis, economista e mestre em Administração, sócia-proprietária da empresa Jogo Bom Educação Sustentável.

E agradecer, por fim, a presença e a contribuição da Cristina Silveira, que é psicóloga, psicopedagoga, psicanalista, mestranda em Educação, especialista em Neuropsicopedagogia e em Educação Inclusiva.

Esse evento, como eu falei, ele quer discutir um pouco a Educação Financeira na Infância. De acordo com a OCDE, eles trazem um conceito de educação financeira que seria, em resumo, a pessoa compreender a natureza e as características desses contratos que lidam com produtos e serviços financeiros, ter a capacidade de entender a quem procurar, a que canais de atendimento recorrer em caso de problemas, e, por fim, ter uma consciência financeira que possa lhe ajudar no dia a dia.

Em tese, em resumo, seria esse o conceito de educação financeira. Mas a gente precisa trabalhar isso também com as crianças, né? Então eu, sem me delongar muito, eu gostaria de passar a palavra para a Dra. Yara Silva Ávila, que vai iniciar esse bate-papo nessa tarde. Na sequência, a gente terá também a participação das outras convidadas. Dra. Yara, fique à vontade aí.

SRA. YARA SILVA ÁVILA: Boa tarde a todos. [Jaqueline, tem como colocar o slide, por favor?].

Eu gostaria de fazer uma breve apresentação, embora o Dr. Amauri já tenha feito. Eu trabalho há 29 anos com psicologia clínica educacional e muito com a família. Então, o que eu quis trazer um pouquinho para vocês hoje são esses aspectos psicológicos do consumo na infância.

Quando a gente observa uma criança, a gente percebe que a criança, ela tem muito mais contexto com o ser do que com o ter. Ela não preocupa em ter as coisas, ela preocupa na relação do mundo, dela com o mundo, as coisas com o mundo, como que ela brinca, recria, como que ela... são as atitudes dela no dia a dia. Então, é muito comum quando você vê a criança no livre brincar, às vezes ela pega dois, três brinquedos e ela transforma no novo. Ela está o tempo todo buscando explorar aquele mundo dela ali. Aquele meio, aquilo, às vezes a gente escuta um pai falando assim: "Nossa, comprei um brinquedo caríssimo para o meu filho, ele desmontou e só brinca com as rodinhas do carrinho. Ele nem usa o controle remoto".

Então, às vezes o pai pega aquele brinquedo, aquele carrinho de controle remoto caro e fica com o controle na mão: "Meu filho, vira para a direita, vira para a esquerda, vai para frente, vai para trás". O menino não está interessado naquilo; ele quer é virar o brinquedo de cabeça para baixo, ver como que é a roda, o que tem lá dentro, se um bonequinho cabe lá dentro, se a porta abre, se não abre. Então muitas vezes o adulto interfere nesse ser da criança. Ele vai criando uma criança ideal. "Ó, o meu filho está nessa faixa etária, ele precisa desse brinquedo nessa faixa etária." Esse é o ideal para ele.

O vizinho comprou um Playstation 4, o meu filho tem um Playstation 3, e ele precisa de interagir com o vizinho, então, ele tem que ter um Playstation 4 igual o do vizinho. Às vezes não é o desejo daquela criança. Então, esses fatores influenciam muito a

criança. A família, muitas vezes, cria esse discurso da criança ideal. A mídia se apodera desse discurso e aí a gente vê, por exemplo, a Barbie. A criança tem uma Barbie, daí a pouco eles lançam roupa de cama da Barbie, chinelo da Barbie, sombrinha da Barbie, acessório da Barbie, cachorro da Barbie, gato da Barbie, e na hora que você vê, você tem um mundo Barbie dentro da sua casa. Os super-heróis a mesma coisa.

E vão também criando estereótipos. Ah, esse é forte. Às vezes você vê propaganda de achocolatado: tome achocolatado para você ficar forte, ter energia. E por aí a mídia vai entrando dentro de casa. As relações sociais vão influenciando essa criança. E muitas vezes elas vão saindo do ser e indo para o ter. E aí elas criam o que a gente chama de ciclo da ansiedade. Então, todos nós somos seres desejados. Eu desejo uma coisa e eu tenho um tempo para obter aquela coisa. Um tempo de espera. Muitas vezes eu recebo um não, eu tenho que aprender a lidar com aquela frustração.

E se a criança não tem esse aprendizado da frustração, do tempo de espera, se toda vez que ela tem um desejo, esse desejo é prontamente satisfeito, ela cria um novo desejo. Então, às vezes os pais vão no shopping, e a criança fala: "Ai, eu queria tanto um Homem-Aranha". Aí os pais compram o Homem-Aranha. Chega em casa, ela mal começa a brincar e fala: "Ah, eu preciso mesmo é do Super-Homem. Como que o Homem-Aranha vai brincar sozinho? Eu preciso do Super-Homem". Aí compra o Super-Homem. Daí a pouco: "Nossa, mas e o Hulk? O super-herói tem que estar completo, eu tenho que ter o Hulk, o Homem-Aranha, o Super-Homem". Tem que ter todos os super-heróis. Tem que ter todas as Pollys, todas as Barbies, e a gente vai acumulando aquele tanto de brinquedo, e a criança passa a não mais brincar com aqueles brinquedos. Ela passa a querer ter aqueles brinquedos.

Então, esse ciclo da ansiedade, a gente tem que ter o cuidado para não fazer isso um hábito. Então, o que eu chamo de consumo perigoso? É quando você desvaloriza o que tem e o foco passa a ser naquilo que você não tem. Muitos pais falam: "Eu não compro nada cara para o meu filho. Caro é só no Natal. Caro é só no Dia das Crianças". Mas toda vez que o pai faz uma viagem, ele traz um brinquedo. Toda vez que ele vai na padaria, ele compra um chocolate, passa na banca, compra uma revista. E aquela criança passa a esperar aquele pai chegar em casa, não com afeto, com abraço, como foi o seu dia. De sentar e falar, mesmo cansado: "Papai vai tomar um banho, vai comer alguma coisa, a gente vai brincar dez minutos", que sejam dez minutos.

E aí os meninos começam a perder o interesse em criar, em recriar, em explorar o brinquedo. Eles passam só a querer consumir aquilo ali. A querer ter e ter. Eu lembro, quando lançaram aí esse 1,99, até eu pus essa ilustração, porque eu ouvia muito no consultório assim: "Mas isso é baratinho. Então, toda vez que eu saio, eu trago para casa 1,99". Uma vez eu estava no clube, assisti uma cena. Cinco meninos sentados na grama, lotado de chocolate, né? Aquele Kinder Ovo. Eles abriam, desembulhavam. Alguns davam uma mordida, jogavam para lá, mas o que interessava era o brinquedo que estava ali dentro. Muitas vezes eles iam embora, aqueles brinquedos ficavam na grama, o chocolate ficava na grama. Era só o desembulhar ali, ver o que tinha dentro.

Então, esse consumo cria um hábito e é esse consumo que eu acho que ele é o mais perigoso, é aquele que a gente não vê. Então, não adianta, por exemplo, a gente preocupar hoje com uma educação financeira nas escolas, que é um excelente projeto, a criança é o melhor fiscal que existe, se dentro de casa também a gente não for nossos fiscais. Nós somos exemplos.

Eu tive a experiência de... o meu marido foi transferido para o Oriente Médio, num país muçulmano, meus filhos estavam entrando na adolescência e foi um grande desafio para mim entrar naquele mundo de consumo, entrar no aeroporto de Dubai, com *free shop* que você anda quilômetros e quilômetros e quilômetros. E os meus filhos falando: "Eu quero, eu quero, eu quero". E eles numa fase que eles estavam fazendo uma transição, deixando família, amigos para trás, vivendo um mundo novo. A gente querendo encantá-los, muitas vezes com vontade de comprar várias coisas

ali. E aí eu tive uma ideia de fazer a lista dos desejos.

Toda vez, todo ano, gente vai duas vezes ao Brasil, vai passar por esse *free shop*, então vocês fazem a lista de desejo. Anotem o que vocês querem muito, ponham o que vocês realmente querem e aí gente vai ver as possibilidades. Às vezes, antes de anotar, eles já tinham esquecido o que eles queriam. Quando chegava em casa ou quando chegava na volta da viagem, passava pelo *free shop*, aquilo ali já não interessava mais. E alguma coisa a gente acabava comprando, mas assim, se você sair comprando tudo, eles têm um poder de argumentação: "Ai, eu preciso tanto. Eu quero tanto isso. Nossa, se eu tivesse isso para dormir comigo, eu estou sentindo falta do meu cachorro, que eu deixei no Brasil, eu queria tanto esse aqui de pelúcia". Olha, não ia comportar dentro do avião a quantidade de sacola de *free shop*.

Então, são pegadinhas que a gente vai caindo e a gente fala: Ah, mas coitadinho, né? A palavra "coitadinho". Às vezes você vê aquele menino lindo, corado, bonito e o pai fala: "Ai, coitadinho dele". Que coitadinho? Então, esse consumo das pequenas coisas é que eu acho que vai tirando o foco. Uma frase que eu escuto muito das crianças, eu atendo crianças com 3, 4 anos, e falo assim. Chega às vezes com um boneco lindo no meu consultório: "Ah, minha mãe me deu. A minha avó me deu. O meu pai me deu". E larga o boneco lá e vai brincar com outras coisas. E aí? Você gostou do brinquedo? Quem te deu? "Ah, gostei, mas agora eu não gosto mais não. Eu queria que o meu pai ficasse mais tempo comigo. Eu queria que a minha mãe assistisse um filme comigo".

Às vezes eles sentam do meu lado, eu vou ler uma história com eles, eles quase sentam no meu colo, né? Vem aconchegando. Então, eu acho que a gente vai se perdendo um pouco nessa rotina do dia a dia. E esses brinquedos, esse consumo, e a mídia o tempo todo entrando dentro das nossas casas. Se a gente reparar, os anúncios dos canais, na hora da propaganda, o volume aumenta, o nível de cor e de som. Esses dias eu estava vendo televisão e uma fadinha, que voa, o carrinho do Hot Wheels, que parece que brinca sozinho. Quando a criança abre aquela caixa enorme, tem um brinquedo pequeno lá dentro que não faz nada daquilo da propaganda. Ou se faz, tem muito brinquedo que brinca sozinho. A criança não tem o mundo de explorar.

Normalmente, na minha rotina, eu atendo criança e atendo um dia no mês a família. E os pais falam assim: "Nossa, mas o meu filho brinca de casinha?". Brinca, é o brinquedo que ele mais gosta. As massinhas compradas prontas estão lá. Algumas até cores lacradas. Eles gostam de fazer comigo é massinha de farinha de trigo, de manusear, de fazer, de colocar cor, de testar a cor. Então, são coisas que eu acho que o adulto vai complicando ao invés de simplificar. O que as crianças pedem é atenção. O que elas querem é o carinho.

O consumo é necessário? Sim. O meu filho tem um tablet? Tem. Todos os colegas têm? Tem o videogame? Tem. Mas ele tem horário, ele tem limite. Não é simplesmente, às vezes o pai fala: "Meu filho não sai do tablet". Quando eu vou ver a rotina, está o pai no quarto, no computador, a mãe na sala, no celular, o filho no outro cômodo. Todos eles estão conectados e entre eles não existe uma relação. Isso está se perdendo.

Então, o que eu mais acho necessário nos dias de hoje é a gente repensar algumas coisas e tentar buscar o simples para dentro de casa. Tentar buscar esse núcleo da família, tentar buscar a escola como parceiro. A educação financeira na escola servir como reforço da nossa postura dentro de casa.

E aí eu coloquei algumas questões para a gente refletir. Como é o meu ato de consumir? Muitas vezes eu falo para o meu filho: "Você precisa disso?", mas eu chego do shopping cheia de sacola. Cada dia um sapato, cada dia uma bolsa, cada dia um acessório. Eu preciso realmente disso? Eu educo o meu filho para aprender a lidar com frustrações? As frustrações estão aí. A gente escuta não o tempo todo. Por que eu vou poupar o meu filho de ouvir um não quando esse não é tão necessário para o desenvolvimento dele?

Eu busco o consumo para aliviar momentos difíceis? Eu vejo muito adulto lidando com isso, às vezes, endividado, sem dormir, pagando conta, porque no momento de tensão, no momento de tristeza, vai ali e gasta o cartão de crédito todo, como se o cartão de crédito não fosse dinheiro. Às vezes os meninos, eu vejo muito assim: "Ah, pai, paga com o cartão. Você não tem dinheiro? Paga com o cartão". Eles acham que o cartão não é dinheiro, que o cartão é só passar ali e levar para casa.

Eu faço do meu filho o meu cartão de visitas? Quantos pais eu vejo que antes do filho querer, está fazendo festa infantil de menino de 1 ano. Parece uma disputa de poder. O menino está doido para dormir e entrar na rotina dele. Tem lá 500 convidados adultos. Aquele mundaréu de enfeite, de doce, de salgado, né? E aí o vizinho parece que viu aquele aniversário e quer fazer um melhor ainda. E vira uma competição.

Eu tento aumentar o repertório do meu filho dando a ele a liberdade de criar? Assim, o que eu ofereço para o meu filho? Às vezes eu escuto também assim: "Ah, o meu filho tem 3 e o irmão tem 7. Eles não interagem". Um lápis de cera na mão de um de 3, ele talvez vá rabiscar, vá escrever numa folha grande. O maior vai utilizar outras maneiras. O mesmo brinquedo, o mesmo artifício pode ser usado de maneiras diferentes. Um vai compartilhar com o outro, um vai criar junto com o outro. A gente não tem que dar nada pronto. A gente está tolhendo a criatividade dessas crianças. E até que ponto que eu valorizo o meu filho nas atitudes quando ele mostra que o ser é mais importante que o ter?

Então, são reflexões que eu gostaria de deixar aqui hoje. Obrigada a todos.

[aplausos]

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Nós é que agradecemos, Yara. É muito interessante você falar do atendimento a crianças e ao mesmo tempo perceber que a criança, ela é despojada de bens materiais, né? É muito interessante porque um carrinho de plástico que você possa ficar a tarde inteira, eu lembro da minha infância, a tarde inteira brincando debaixo da mangueira, na casa do meu avô, um carrinho de plástico. A gente fazia estradinha na terra. Fazia as cidades, ficava brincando. Quer dizer, criança não precisa de muito, né? Infelizmente, a gente, muitas vezes, é que muda, muda esse contexto, criando nela essa questão do ter e virando esse círculo vicioso.

Eu acho que as perguntas podem ficar para depois? Ao final. Adriana Fileto, fique à vontade agora, tá? Nós estamos te ouvindo.

SRA. ADRIANA FILETO: Boa tarde a todos. Eu agradeço ao convite do Procon, a Casa que eu sempre volto, que o direito do consumidor é um tema muito importante também. E gostaria de agradecer a participação de todos e dos meus colegas também que estão aqui. [Vai colocar a apresentação aqui].

ORADORA NÃO IDENTIFICADA: [pronunciamento fora do microfone].

SRA. ADRIANA FILETO: Exatamente, obrigada, Cristina(F). Vou falar sobre educação financeira infantil, relevância e diretrizes. A minha formação é de como economista, mas eu tenho sempre uma visão de sustentabilidade, Psicologia Econômica, porque o consumo não é só uma questão matemática, numérica, e também direito do consumidor, porque eu atuei no Procon por quase dez anos. Então, o direito do consumidor está intrinsecamente ligado à questão do consumo também.

Bom, o tempo é curto, mas eu vou tentar falar um pouco desse conceito de educação financeira sustentável, até que o Dr. Amauri começou a falar da OCDE. Vou abordar a questão da importância da educação financeira infantil. Então, existem várias organizações internacionais e nacionais falando disso, que é importante começar com essa educação financeira, quanto mais cedo melhor. Inclusive a Base Nacional de Currículos também aborda essa questão de educação financeira. Vamos falar

sobre os benefícios da educação financeira e algumas diretrizes básicas aí que eu considero como importantes para a educação financeira nas escolas.

Então, segundo a OCDE, que é a Organização Para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico: *"Educação financeira é um processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros"*. Ou seja, a educação financeira, gente, ela é muito importante porque ela ajuda o cidadão a ter informações que vão balizar as suas decisões econômicas. Nós estamos vivenciando um mercado financeiro cada vez mais sofisticado, né? Então, a gente visualiza que cada vez mais produtos sofisticados vão aparecendo, a complexidade vai aumentando.

Então, o cidadão, ele precisa de ter informação para poder tomar uma boa decisão, avaliar se aquele produto financeiro é favorável, se é desfavorável, que decisão ele pode tomar em cima dessas informações para ter uma melhor qualidade de vida ao final. E eu chamo a atenção para o que eu chamo de educação financeira sustentável. Por quê? Quando eu falo de educação financeira, eu não estou abordando somente a questão financeira. Nós temos que pensar naquilo tripé da sustentabilidade, que é o econômico, social e o ambiental.

Então, é aquela história: vamos cuidar como bolso? Vamos, mas vamos cuidar do planeta, das pessoas, né? Então, não adianta eu comprar um produto barato pirata, utilizando mão de obra escrava, infantil, por exemplo, só para economizar. Então, a gente tem que colocar na balança os aspectos, porque nós, enquanto consumidores, a gente é responsável pelas opções de consumo que a gente toma ao longo da vida.

A educação financeira deve começar na infância. Então, eu vou falar de alguns organismos nacionais e internacionais e de um documento importante, que é a Base Nacional Comum Curricular. A OCDE, que é a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, é uma organização muito respeitada, ela agrega 34 países e ela desenvolve vários estudos que visam justamente promover o desenvolvimento econômico e o bem-estar das pessoas no mundo inteiro.

Então, vocês já devem ter ouvido vários estudos que eles realizam. Em educação financeira também tem muitos estudos. Então, um deles, mais recente, um estudo da OCDE de 2016, ele avaliou o conhecimento financeiro dos brasileiros. E o resultado não foi nada bom. Por quê? Menos da metade dos brasileiros conseguiram a pontuação mínima. E isso demonstra o quê? Que a nossa alfabetização financeira é muito baixa, né? E a OCDE, ela sempre reforça a questão da importância da educação financeira desde a infância. Quanto mais cedo, melhor. Ela inclusive serve de referência para os países do mundo inteiro e inclusive, claro, o Brasil.

O Banco Mundial, por sua vez, realizou um estudo bem interessante também, vocês já repararam que eu tenho mania de estatística e estudo, né? Eu acho que é um cacoete de economista, mas é bom para a gente poder balizar, conversar em cima do mais concreto, né? O Banco Mundial, ele fez um estudo avaliando os impactos dos programas de educação financeira em escolas públicas. Então, ele separa em dois grupos. Então, tinha um grupo das crianças que receberam aula de educação financeira e os grupos que não receberam. E, ao final, é avaliado quais as diferenças, né?

Então, em síntese, que é um estudo bastante amplo, em síntese, eles descobriram o seguinte, que essas crianças que receberam aulas de educação financeira, elas tendem a poupar mais. E, conseqüentemente, suas famílias tendem a poupar mais. Por quê? Porque acaba criando um efeito multiplicador bom, benéfico, um círculo virtuoso, né? Então, crianças que poupam mais tendem a ter uma família que poupe mais, e com isso, isso acaba afetando até o PIB da economia, que acaba aumentando, e o nível de poupança também. Os países, gente, precisam de ter poupança para crescer, né? Isso é fundamental. E o nosso país, nós, brasileiros, a gente não tem muito esse hábito de poupar.

Bom, uma outra organização, agora nacional aqui, no nosso país, que trabalha a questão da educação financeira é o Conef, que é o Comitê Nacional de Educação Financeira. É uma organização, um órgão que é composto de vários membros. Então, tem membro do Banco Central, MEC, agências de segurança privada. Enfim, várias instituições. E eles criaram o Plano de Educação Financeira e a Estratégia Nacional de Educação Financeira. E eles, claro, estão sempre apontando a importância de se trabalhar a questão da educação financeira na escola.

Inclusive, esse plano de educação financeira nas escolas, eles lançaram em 2013, um farto material. São, para vocês terem uma ideia, eu não sei se vocês já tiveram a oportunidade de ler, são 18 volumes. Então, eles pegam do primeiro até o nono ano. Tem livros para o professor e para o aluno. Eu já fiz um estudo em cima desse material, é um material rico, mas muito confuso e muito grande. Então, eu vejo que os professores dificilmente vão ter até disponibilidade para se debruçar sobre esse material para muitas vezes aproveitá-lo em sala de aula.

É uma fonte de pesquisa interessante, mas eu acho que poderia ter práticas, por que o que eu sinto hoje nas escolas? É que todo mundo quer promover ações de educação financeira, mas não sabem muito bem como. Existem alguns livros aí no mercado, mas eu vejo que a gente precisa melhorar a questão do material didático aí disponível e com formação de professores também.

A Base Nacional Comum Curricular, o BNCC, é um importante documento que traça todas as competências, objetivos de todas as disciplinas, de ensino. E a base nacional, ela tem também, contém vários pontos relacionados à educação financeira para serem trabalhados em diferentes anos escolares. Então, eles trabalham a questão de taxa de juros, investimento, poupança, inflação. Então, tem vários temas aí que são abordados na BNCC.

Bom, e quais são os benefícios aí da educação financeira infantil? Bom, primeiro eu queria até falar uma coisa, que às vezes muita gente me pergunta, falam assim: "Adriana, levar a educação financeira para criança, você... não é uma forma de capitalizar as crianças, de colocá-las muito atentas para o dinheiro? Muito financistas e pão-duras, etc.?" E eu digo que não. Por quê? Porque finança, dinheiro, gente, faz parte da vida, faz parte da sociedade. Então, todo mundo precisa pagar as suas contas, ir ao supermercado, ir na feira.

Agora, nós podemos abordar a escola, e as famílias, os educadores, podem abordar o tema de educação financeira de uma forma apropriada, adequada à idade, ao desenvolvimento cognitivo da criança e de forma que ela compreenda, sem pesar o mundo também sobre as costas das crianças, mas eu vejo que é importante, sim, a gente trabalhar desde pequeno.

Inclusive, uma experiência muito bacana em Portugal, de uma professora, que está trabalhando temas de educação financeira com crianças de 3 anos. E ela consegue, ela conseguiu, até é bacana, e ela não tem um artigo científico publicado, que eu já pesquisei bastante, mas ela tem uma prática, uma vivência que ela conseguiu fazer.

Então, ela conseguiu agregar as Câmaras Municipais lá de Portugal, aí as crianças poupam e fazem projetos para arrecadar dinheiro e parte do dinheiro é poupado, parte gasta e parte eles investem. E parte do dinheiro eles acabam fazendo passeios e tudo. Então, a gente vê, assim, que é possível trabalhar o tema desde pequeno, né?

Bom, mas voltando aos benefícios da educação infantil, é importante a gente combater o consumismo, tentar diminuir. O Instituto Alana, que é uma ONG muito importante, que combate o consumismo infantil, ela divulga uma pesquisa que é impressionante, que ela diz que as crianças brasileiras, elas assistem televisão muito acima da média. Então, nossas crianças, gente, assistem TV cinco horas/diária, por dia ou mais. É muita coisa. E quem já assistiu filmes, esses canais infantis, como a própria Yara relatou, é realmente uma avalanche enorme de publicidade: compre, compre, gaste, gaste.

Brinquedos incríveis, que voam, que fazem mil coisas, pelo menos na publicidade. Então, à medida que a gente for educando as nossas crianças, mostrando que é legal compartilhar, emprestar, doar, que a gente não tem necessidade de comprar o tempo inteiro, a gente está contribuindo, sim, para a diminuição desse consumismo.

Outro ponto importante do benefício da educação financeira infantil é contribuir para a criação de uma cultura do investimento, que a gente precisa aqui no nosso país. Então, a FGV do Rio fez uma pesquisa sobre a questão da poupança no Brasil. Aí, na verdade, listou dez países para avaliar como que é a poupança nesses países para fins de aposentadoria. E o Brasil ficou em último lugar. Ou seja, nós, brasileiros, a gente quer viver aqui e agora, a gente não pensa no amanhã, não poupa, né? Então, a gente precisa começar a criar, plantar essa sementinha aí nas crianças para a gente começar a criar essa cultura aí da poupança mesmo.

Outro benefício da educação financeira infantil é a questão da geração de jovens mais maduros e controlados financeiramente. A Fecomércio Minas fez uma pesquisa sobre o consumo de jovens em Belo Horizonte. E eu participei dessa pesquisa, os resultados são impressionantes. Então, 93% dos jovens não tinham noção que o cartão de crédito e o cheque especial eram dívidas. Então, eles não tinham essa noção. A pessoa acha que é uma continha a mais.

Na verdade, são empréstimos, né? O cartão de crédito, se você paga à vista, tudo bem. Mas se você entra no rotativo, é uma dívida muito cara, é a mais cara do mundo por sinal. Então, é preciso que a gente comece com a criança na educação financeira, o jovem também precisa do reforço e o adulto também. Mas a gente tem que começar lá atrás com a questão da educação financeira.

Agora, é importante a gente não ter a ilusão, gente, que educação financeira basta. Então, eu sei todas as informações sobre produtos financeiros, sobre mercado financeiro. Logo, sou uma ótima com o dinheiro. Não é bem assim, né? Nós, seres humanos, embora a gente se ache muito racional, nós somos irracionais, né? Não é à toa que mais uma vez o Thaler acabou de ganhar um Prêmio Nobel de Economia, falando de Economia e Psicologia, né? Então, é a questão da Psicologia Econômica que está cada vez crescendo mais.

Por quê? O consumo passa muito, muito pelo emocional, né? Então, muitas vezes a gente compra porque quer mostrar para o vizinho, porque a gente está deprimido, porque a gente quer se sentir bem, etc. Então, muitas vezes não é racional a nossa forma de consumir. Então, é preciso que a gente trate a questão da educação financeira, mas com pitadas de Psicologia Econômica, né? Então, a gente tem que ter essa visão aí também, crítica, né? Educação financeira é importante, mas ela não é suficiente, ela sozinha. A gente precisa de elementos aí da Psicologia Econômica.

O tempo é curto. Eu vou colocar assim umas diretrizes bem básicas, é isso que eu considero importante para haver bons programas de educação financeira nas escolas. Primeiro, é a formação de professores na área de educação financeira. Muitas vezes os professores não têm formação apropriada e eles acabam sendo lançados aí para darem aulas, né? Esse problema não é só do Brasil. Em Portugal também eles têm um plano de educação financeira, eles chamam Plano Nacional de, acho que é Letramento Financeiro, que eles chamam.

E um problema que foi detectado é que eles, embora eles tenham até cursos de capacitação de professores, o número de professores que efetivamente participam é muito pequeno. Então, esse é um problema que alguns países têm, mas a gente solucionar. Porque como que os professores, se eles não forem bem capacitados, como que eles vão poder passar conhecimento para os alunos? Então, é preciso haver uma boa capacitação de professores.

Outro ponto importante, que eu considero uma diretriz importante para a educação financeira nas escolas, é a criação de parceria entre escolas e famílias. Então, escola e família têm que estar integrado, porque não adianta a escola ter um projeto

fantástico de educação financeira e o filho, a criança, por exemplo, chega em casa com um cofrinho e o pai critica e debocha. Tem que estar juntos. Então, tem que andar juntos. E o exemplo também é importante, né? Então, não adianta se falar em consumo consciente se o pai e a mãe desperdiçam água, energia dentro de casa, a professora joga comida fora na frente dos alunos, né? É preciso o quê? Uma coerência entre o que se fala e o que se faz.

E uma outra diretriz que eu considero importante também para a educação financeira nas escolas é a questão do uso de jogos educativos. Mas tem que ser jogo educativo bem-feito, cuidadoso, avaliando quais os impactos daquele jogo, avaliando quais são as competências desenvolvidas. Tem que pegar a BNCC e avaliar ponto a ponto. Então, os jogos educativos bem estruturados, eles podem contribuir, sim, para uma educação financeira de qualidade.

Em relação ao aprendizado, nós temos a pirâmide de aprendizado de William Glasser, que diz o seguinte. Quando nós lemos um conteúdo, a gente tende a absorver cerca de 10% do que a gente lê, mas quando a gente vivencia, pratica, nós conseguimos assimilar 80%. Eu acho que não tem aquela luzinha aqui, mas, tudo bem. Então, o jogo, gente, ele possibilita o quê? Que o jovem possa vivenciar uma situação da economia, uma situação financeira. Então, com isso ele pode fazer uma simulação do mundo real mesmo.

Então, com isso ele vai vivenciar, ele vai errar, ele vai aprender, ele vai ter dúvida. Então, ele tende a ter um aprendizado mais consolidado através de um jogo educativo, por exemplo, do que só ficar lendo. É claro que é importante a leitura e as outras formas de educação, mas o jogo educativo é uma ferramenta muito importante quando bem estruturado.

A própria BNCC preconiza que o uso de recursos didáticos tem um papel essencial para a compreensão até das noções matemáticas, né? Matemática, que é o terror de muita gente. Nós estamos aí entre os piores do mundo aí em educação de matemática. E isso pode ser melhorado, atenuado, com o uso de jogos matemáticos interessantes, por exemplo.

Lá na Jogo Bom Educação Sustentável, que é a empresa da qual eu sou sócia, nós temos vários jogos, né? Então, nós temos, por exemplo, o Jogo da Boa Compra. Essa foto aí foram crianças de 3 anos que a gente fez, né? Esse mesmo jogo foi aplicado também lá no Sesc Palladium, crianças até de 12 anos. Então, já no CCBB. Então, são jogos que a gente, conforme o público, a gente pode adaptar algumas regras e também o nível de discussão, né? Não dá para a gente falar de produto orgânico com criança de 3 anos, por exemplo, mas criança maior já é possível, por exemplo, né?

Então, nós temos o Jogo da Trilha Financeira, por exemplo, que discute a questão da mesada. O Jogo do Empresário, que fala de empreendedorismo, simula a situação entre duas empresas empreendedoras. O Bingo da Economia, Show do Milhãozinho, Jogo da Memória. Então, são vários jogos que trazem situações da vida real para a criança poder vivenciar. Dependendo, a gente consegue até fazer adaptações para o ensino médio e ensino fundamental. Aí depende aí da faixa etária.

O teatro também é um instrumento lúdico muito interessante. Então, pode ser realizado tanto um teatro para a criança assistir, como um teatro para a criança fazer e depois comentar, como um teatro junto com um bate-papo. Então, é possível utilizar as formas teatrais aí como instrumentos lúdicos aí de aprendizado.

Uma dica de leitura que eu dou, é o meu livro, que é Cuide do Seu Bolso e do Planeta. Inclusive, nós vamos sortear um depois, tá? Esse livro, gente, eu falo da questão da educação financeira, mas nessa visão sistêmica, abordando a questão aí do meio ambiente, do direito ao consumidor e da Psicologia Econômica também. Traz inclusive várias dicas para escolas também, que quiserem dicas de livros, de outras bibliografias e filmes e tudo mais. É um livro inclusivo, porque ele tem um CD e o deficiente visual consegue ler o livro inteiro, inclusive as ilustrações são todas

audiodescritas, né? E nós como educadores a gente tem que pensar em quem não enxerga também, né? Então, a gente teve essa preocupação.

Eu estou chegando ao final. Eu diria nas considerações finais aqui que educar financeiramente não é tarefa fácil, mas é fundamental. A gente começar agora com a criança para a gente poder ter jovens e adultos lá na frente mais controlados economicamente, não é? Com isso, elas vão ter... a tendência é que tenham um maior controle sobre suas vidas e possam ter um maior bem-estar lá no final.

E a educação financeira tem que começar na infância, como eu já disse, dentro de casa, na escola, com diálogos e com exemplo, né? E a comunidade escolar tem que estar envolvida, ou seja, tem que ter um envolvimento aí de professor, de todo mundo de dentro da escola e a comunidade escolar como um todo em prol de um projeto em comum, que no caso é a educação financeira.

Eu deixo o meu contato e agradeço a participação de todos. E depois a gente pode fazer perguntas, né?

[aplausos]

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Nós que agradecemos, Adriana Fileto. É muito interessante, né? A gente já tem até uma referência, eu até comprei ali o livro para a gente poder ler e ter mais essa referência. Depois, se você pudesse nos passar, você diz que tem assim um material grande de livros que podem ser usados. A gente tem discutido isso lá no Procon, e de alguma forma esse tema vai vir para o ano. E quem sabe com esse material a gente não consiga fazer um trabalho assim também dirigido, né? Com esses outros livros que você falou e se você pudesse depois nos passar.

Agora nós teremos, então, a terceira fala de hoje. Cristina, fique à vontade.

SRA. CRISTINA SILVEIRA: Boa tarde, gente. Quem aqui trabalha com educação levanta a mão para mim. O pessoal da área da economia e outros? Tá certo. Então, eu vou falar aqui um pouquinho tudo que elas já falaram, belamente. Então, o que me resta é fazer um resumo aqui do que foi falado no sentido da economia financeira para a escola e para a família.

Ela já falou sobre essa questão da Estratégia Nacional de Educação Financeira, que existe, que o governo brasileiro deu o pontapé aí para as escolas, o país como um todo se preocupar com a educação financeira, né? Nós estamos em crise e mesmo que não estivéssemos, o país, os brasileiros têm que começar a se atentar para a importância da educação financeira na vida das famílias e da sociedade em geral. Então, os objetivos dessa estratégia nacional, que foi lançada em 2010, é promover a educação financeira, o fortalecimento da cidadania e solidez do sistema financeiro nacional.

A educação financeira na escola, ela também já abordou o tema, foi feito através de um decreto de 2010 também, do governo federal, que instituiu a Estratégia Nacional de Educação Financeira, o Enef. O objetivo é o desenvolvimento da cultura de planejamento, prevenção, poupança, investimento e consumo consciente. Ou seja, planejar, prever, poupar, investir e consumir conscientemente é o pulo do gato, na questão da educação financeira como um todo e, principalmente, na escolar, o que nós vamos passar para as nossas crianças.

Essa educação, esse projeto, pelo menos lá na questão do site do MEC, está voltado para o ensino fundamental e médio, não é? Têm algumas questões que são abordadas nas escolas, não como matéria, como disciplina da educação financeira, mas já dentro das outras matérias. Geografia, por exemplo, quando se fala em conceito de blocos econômicos, importações e exportações, Índice de Desenvolvimento Humano, crescimento econômico, desemprego, economia do Terceiro Setor. Quando a gente

fala disso dentro da matéria de geografia, você está falando de educação financeira. Nas matérias de história, a função do dinheiro na sociedade ao longo da nossa história, biologia, noções de sustentabilidade, desenvolvimento econômico, impactos ambientais. Em sociologia, a questão do espaço público.

Então, dentro de cada matéria as escolas têm procurado já, desde 2010, fazer essa inserção da educação financeira, além de projetos que as escolas têm feito também, independente disso, dentro da disciplina.

Ela também já falou desse material, é um material que é disponibilizado pelo MEC e é gratuito, né? Eu também olhei, achei muita coisa interessante. Eu acho que as escolas têm se pautado bastante nesse material. Eu concordo com ela que é extenso, são 18 blocos de livros, etc. e tal, mas é o que tem no mercado, principalmente para as escolas públicas, que é acesso gratuito.

Tem uma matéria que eu gostaria de passar para vocês, porque aqui em Minas Gerais já tem muitas ações já instituídas em escolas, que ainda não estão sendo divulgadas, algumas já são, sobre a educação financeira, né? Além dos jogos, estão sendo feitas ações independentes, com professores e coordenações, e mesmo as famílias envolvidas nos projetos escolares. Eu estou com um link aqui, eu vou passar para vocês.

[Exibição de vídeo]

ARTUR ALMEIDA: *Escolas de Uberlândia acreditam que a formação de consumidores conscientes deve começar cedo. Por isso, o valor do dinheiro e dos bens adquiridos por ele é ensinado nas salas de aula desde as primeiras séries. Foi criada até uma moeda própria, a sementinha do amor.*

REPÓRTER: *Crianças e adolescentes ligados nas aulas de artesanato. Concentração total.*

ANA LETÍCIA: *Pega um palitinho, enrola e vai enrolando.*

REPÓRTER: *Ana Letícia gosta das [ininteligível] famosas e participa da pintura na parede.*

ANA LETÍCIA: *Eu gosto de usar mais estrela, né? Aí eu faço um círculo, coloco uma estrela colorida no meio.*

REPÓRTER: *Palitos, flores de papel crepom, pinturas na parede, mas as discussões--*

[falas sobrepostas]

SRA. CRISTINA SILVEIRA: *Depois a gente passa um link, vocês veem isso daí, está no YouTube, tá?*

[falas sobrepostas]

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: [ininteligível].

SRA. CRISTINA SILVEIRA: *Tá bom, gente, então vamos continuar aqui. Então, essa matéria é uma matéria muito legal, depois vocês olham lá. [ininteligível] educação financeira, escola de Minas Gerais, é uma matéria do MGTV, é rapidinho, não dá nem cinco minutos. Deve dar uns três minutos. Então, quando a gente fala em educação financeira, vão envolvendo escola e família, eu vou contar um caso para vocês, uma experiência que eu tive ontem. Eu falei até para o jornalista de vocês aqui hoje, um caso muito bacana. Eu falei que uma família me procurou no consultório, eu já tinha*

dado alta para a criança, e uma família muito consciente, um casal novo, muito consciente, que trabalha muito essa questão do consumo e tal, colocaram a menina numa escola particular tradicional de Belo Horizonte.

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: [pronunciamento fora do microfone].

SRA. CRISTINA SILVEIRA: Tá bom. [Desculpem aí a trabalhadora].

Vamos ver a matéria aí. O Arthur faleceu, né? Eu não sei se vocês estão sabendo, esse jornalista. Ele estava em Portugal--

[Exibição de vídeo]

ARTUR ALMEIDA: *Escolas de Uberlândia acreditam que a formação de consumidores conscientes deve começar cedo. Por isso, o valor do dinheiro e dos bens adquiridos por ele é ensinado nas salas de aula desde as primeiras séries. Foi criada até uma moeda própria, a sementinha do amor.*

REPÓRTER: *Crianças e adolescentes ligados nas aulas de artesanato. Concentração total.*

ANA LETÍCIA: *Pega o palitinho, enrola, e vai enrolando.*

REPÓRTER: *Ana Letícia gosta das telas famosas e participa da pintura na parede.*

ANA LETÍCIA: *Eu gosto de usar mais estrela, né? Aí eu faço um círculo, coloco uma estrela colorida no meio.*

REPÓRTER: *Palitos, flores de papel crepom, pinturas na parede, mas as discussões dos professores com os alunos revelam esses desenhos do que, para as crianças, representam valores. E todo esse trabalho resulta em uma colheita que acontece a cada dois meses. Hoje os alunos usam uma moeda social chamada de sementinha do amor, como base de troca. Mas, futuramente, eles vão saber lidar com uma série de outros valores. Como que você faz para poder ganhar mais sementinha?*

ENTREVISTADO: *Trabalhando e fazendo as coisas direito, que a professora pede.*

REPÓRTER: *Eles aprendem e vão tomando gosto pelo que fazem. O ponto de encontro é uma organização não governamental coordenada por três professoras voluntárias. O local recebe doações que fazem a diferença e a educação ensinada aqui é solidária para que eles saibam dar valor ao que recebem.*

ENTREVISTADA: *Às vezes eu guardo para comprar na próxima colheita. Quando a pessoa quer uma coisa que eu também quero, eu vou lá e negocio com ela.*

REPÓRTER: *E os pequenos consumidores juntam as sementinhas e vão às compras.*

ENTREVISTADA: *Eles estão aprendendo e lidando com o dinheiro, mesmo sendo sementinha, para eles é dinheiro.*

ENTREVISTADA: *Eles aprendem a cada dois meses a colher o fruto do trabalho, do estudo, da dedicação deles.*

REPÓRTER: *E em escolas do ensino fundamental a experiência com a educação financeira também é realidade. Esses alunos do primeiro ano já estão em contato com as cédulas representadas no material didático.*

ENTREVISTADA: *A gente recortou na apostila os dinheiros, aí depois a gente comprou com esses dinheiros.*

REPÓRTER: *E claro, dessa forma, a matemática fica na ponta da língua. Você sabe me dizer aqui quanto que vale essa nota aqui?*

ENTREVISTADO: *Sei.*

REPÓRTER: *Quanto que vale essa aí?*

ENTREVISTADO: *Cinquenta.*

ENTREVISTADA: *A gente procura mostrar que o dinheiro tem um valor, como que é o processo do sistema que funciona o sistema monetário do país, né? Como nós fazemos as compras.*

REPÓRTER: *Essa educação pode e deve ser complementada em casa.*

ENTREVISTADA: *Eles sabem que guardando aquilo ali eles vão ter uma recompensa, que é ou um passeio, ou um brinquedo, alguma coisa assim.*

SRA. CRISTINA SILVEIRA: Olha aí, gente, que bacana, né? Então assim, ela falou uma coisa importante ali, que essa educação deve ser complementada em casa. E é verdade, né? Eu estava contando o caso da família dos pais jovens, da criança que eu havia dado alta, há uns quatro, cinco meses atrás, eles voltaram no consultório ontem para conversar comigo sobre a escola. Eles têm uma noção de educação financeira, consumo consciente, é uma família bem alerta assim sobre esses assuntos. E estavam preocupados que a filha, a única filha deles, estava numa escola agora e ela já estava mudando o seu conceito de consumo.

Ela estava querendo mochila da Kipling e outras coisas mais que a família não sustenta. A família não traz isso dentro dos valores dela. Então, eles estavam me pedindo orientação. Como que eles iam fazer, né? Eu falei: Olha, mudar de escola. Porque a grande questão que eu sempre falo quando a família tem que procurar uma escola é procurar uma escola cujo valor bate com o valor da família, não é? Então, se é uma família consciente e a escola ainda não se atentou para a educação financeira, não se atentou para que... tem outros valores envolvidos, além dos valores do consumo, e que ela tem responsabilidade, sim, sobre esse processo, né?

Porque eu passei aqui as questões da educação financeira nas matérias, mas não é só na matéria; eu acho que é ensinar na disciplina e ensinar a criança como um ser, que é o que a minha colega falou. Além de... não é só ter, é ser, né? E o ser na sua totalidade. Então, como que a família vai fazer isso? Ela vai trabalhar com essa criança desde o princípio. Qual que é o valor da minha família, aqui a gente não consome coisa além da medida, não é? As duas já falaram a mesma coisa, apontaram para o mesmo caminho.

A gente tem que ter um desejo, trabalhar esse desejo até o fim. Não adianta você trabalhar 24 horas para comprar o carro do ano, para fazer aquela viagem para a Europa e deixar o seu filho terceirizado, sem a sua presença. Porque com a sua presença é que seus filhos vão conseguir ter alguma consciência disso que a gente está falando aqui, não é? Vocês repassarem os valores da família.

Eu tive um outro exemplo, também no consultório, hoje de manhã. Eu estava conversando com a família sobre uma questão lá que a menininha perdeu, vai perder a avó, que a avó está muito doente, câncer terminal, e estou querendo saber da família qual que é o valor dela no sentido de vida, de espiritualidade. Um olhou para o outro e falou: "Você tem algum? Você vai na igreja? Não, não, a gente não faz nada disso, não". Eu falei assim: Mas assim, o que vocês pensam sobre a vida, como que

vocês vivem a vida de vocês? Como que é o dia a dia, os seus valores, no sentido de passar para a criança o que vocês pretendendo para a vida dela também? O que a senhora acha? O que a senhora está falando com ela está muito bom para nós, aliás, nós estamos até aprendendo com ela. A gente deixa, falou assim: "Eu deixo por demanda livre".

Então, é uma criança de 5 anos que é dado a ela uma demanda livre para ela poder realizar e se colocar no mundo, não é? Então, a família tem que se atentar. Ela que tem que trazer para essa criança os hábitos, ela que tem que instituir dentro de casa esses valores para, em cima disso, ela poder distribuir, ampliar para uma educação financeira. Como? Uma poupança, né? O valor dessa poupança. Você vai querer um brinquedo no fim do ano? Quero. Você quer um Playstation, qualquer coisa? Quero. Então, vamos abrir uma poupança. Você vai pondo as suas moedas, eu também vou pondo um dinheiro aqui e no final do ano a gente vai comprar esse presente que você quer. Então, não é dar um presente para a criança a hora que ela quer.

Hoje em dia a criança é o reizinho da casa. Ele que chega determinando o que ele quer. Ele que chega falando onde ele quer almoçar, onde ele quer passar as férias, qual a roupa que ele quer. E não é assim. Então, depois as pessoas reclamam: "Ah, o menino está sem limite. O que está acontecendo com essa criança? Ele tem algum problema, ele tem algum diagnóstico?". Aí você vai olhar a anamnese da família, você fala assim: bom, eu acho que o que está faltando aqui é uma educação no sentido familiar. A família não está dando para essa criança o que ela precisa, inclusive a educação financeira.

Porque vai criar uma criança que acha que pode ter tudo, que acha que pode comprar tudo, que não tem limite para nada, e na vida não é assim. A gente vive em coletividade, a gente vive em comunidade, vive em prédios, dividindo o nosso espaço de residência, dividindo a nossa escola, dividindo o trânsito e as pessoas têm que entender isso dessa forma. A criança tem que ser educada para isso. Então, o papel da família nesse processo é fundamental, porque não adianta a escola também ensinar, trazer toda essa teoria, todos esses modelos pedagógicos, todos os jogos, tudo isso que vocês viram aí, e chega em casa e é desvalorizado, como ela mesmo falou, né? Que o pai e a mãe criticam aquilo ali, não levam aquilo em consideração.

Então, tem que haver, sim, uma sintonia entre família e escola, mas eu volto a falar aqui: muito em função dos valores. Quem sou eu, o que eu quero para mim, para a minha família, para os meus filhos, e a escola idem, né? Qual que é o valor da minha escola? Eu estou vendo acontecer isso dentro da escola, mas eu não tenho nada com isso? Eu não tenho nada com isso, as meninas ficarem disputando, trazendo mochila da Kipling, rindo da colega porque ela não tem mochila da Kipling, né? Qual que é o valor? Qual que é a posição da escola nessa situação? Nessas situações que estão acontecendo aí? Obrigada, gente.

[aplausos]

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Pois é, quando a gente vê um projeto social desse numa escola é tudo de bom. As crianças ali trabalhando o artesanato, a arte. E você fazer do papel, do papelão, algo que possa ser objeto de desejo para brincar com as crianças. Isso é muito importante. Fazemos agora o sorteio então do livro da Adriana?

[falas sobrepostas]

SRA. ADRIANA FILETO: Então, quem não for sorteado, também está vendendo. Mas o livro, como eu disse, ele aborda a questão da economia, mas também da Psicologia Econômica, meio ambiente e direito do consumidor. E ele é um livro que dá para ser trabalhado nas escolas, mas também os pais e jovens. A linguagem dele é bastante fácil, né? E o CD aqui que tem todo o texto lido e audiodescrito. Bom, eu vou falar um número aqui. Tá, hoje é dia 7, né? Número 7, está aí?

[aplausos]

[risos]

[falas sobrepostas]

SRA. ADRIANA FILETO: Ô, gente, não foi marmelada. Eu não vi a lista, eu juro para vocês. É porque os primeiros, né? Então, vamos ver. Então, o dobro, 14. Ah!

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Pronto.

[aplausos]

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Bom, então, vamos para as perguntas. Fiquem à vontade para fazer as perguntas. Alguém deseja perguntar? Pois não, só falar o nome, né?

SRA. DENISE: É Denise.

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Bacana, Denise.

SRA. DENISE: Aí tem que escolher para quem?

[falas sobrepostas]

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Fique à vontade, fique à vontade.

SRA. DENISE: Não, eu queria saber sobre a questão de mesada. Eu queria colocar três situações específicas e saber a opinião de vocês. Se a gente deve dar para a criança uma mesada e se essa mesada seria um valor X para ela fazer o que ela quisesse. Então, ela está na rua, pega o sorvete. Ah, não, não vou te dar o sorvete, não. "Ah, mas eu tenho o meu dinheiro, eu vou comprar com o meu dinheiro." Então assim, um valor para ela poder gastar com o que ela quisesse.

Uma outra situação: ela receberia uma mesada em troca de alguma tarefa ou cumprimento de algumas imposições, né? Você vai arrumar a sua cama. Se você desobedecer, você perde. Se você ajudar a arrumar a cozinha você ganha, né? Algumas regrinhas.

Ou então, uma terceira situação, que seria assim, que eu já vi com colegas dos meus filhos, que é assim: olha, você vai ganhar uma quantia maior, mas, assim, dentro desse valor você vai pagar as suas despesas, entre aspas, que seria o quê? Ah, o dinheiro do lanche está incluso nesse dinheirinho. Se você quiser comprar uma rifa do seu coleguinha, você vai gastar dentro desse dinheiro que você tem. Então assim, são três situações que eu já vi de amigos, de colegas e tal. Eu queria saber se um deles é adequado e qual seria.

[falas sobrepostas]

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Eu acho que vocês podem ficar à vontade, as três, para... querendo fazer os comentários.

SRA. CRISTINA SILVEIRA: Eu acho que todo mundo vai falar, mas eu queria falar uma coisa aqui. A primeira, eu não acho adequada porque você dá um dinheiro para uma criança e não educá-la como que ela vai usar, não é certo, não é? A segunda, eu também acho pouco provável, não é muito bom de usar, porque a gente não troca

obrigações que a criança teria que fazer por dinheiro, não. Então, ajudar você a fazer alguma coisa, alguma coisa que seria da rotina da casa, que a criança deveria fazer, a gente nunca faz troca por dinheiro.

Agora, a terceira talvez fosse a mais adequada, desde que fosse negociado com a criança. Olha, nós temos aqui X no nosso orçamento, e ela teria que participar do orçamento da casa. Temos X para o nosso orçamento da escola, do lanche e tal. O que for extra a isso aqui, que não for da minha competência, você pode usar o seu dinheiro, desde que a gente esteja acompanhando. Porque não é correto, na minha opinião, você deixar a criança com dinheiro solto. Porque isso não é educar, né? É igual você dar um cartão de crédito para um adolescente e falar com ele: olha, pode gastar. Sem você estar ali mediando, sem estar educando. Educar dá trabalho e o trabalho é esse daí, é acompanhar.

SRA. ADRIANA FILETO: A questão da mesada, sempre me perguntam sobre isso. É um tema que os pais ficam aflitos. Eu diria o seguinte: mesada não é obrigatório. Então, tem pessoas que gostam de dar, famílias que dão e outras que não dão. Não é obrigatório, mas se for utilizar, tem que ser bem utilizada. A mesada, se ela for bem organizada, ela é uma excelente ferramenta de educação financeira, mas, primeiro, eu vejo que a criança tem que ter um certo tamanho também, 6 anos pelo menos. Eu acho que criança muito pequena dá para se juntar a moedinha no cofrinho, com a finalidade, comprar picolé na praia, enfim, tudo tem que ter um fim. Não é juntar dinheiro por juntar. Tem que ter um fim já pré-acordado.

Se a família resolveu que vai dar uma mesada, tem que sentar e fazer os combinados. Não é simplesmente colocar o dinheiro na mão da criança e deixá-la usar como ela quiser, não. Então, não tem essa história de dinheiro é meu, não. Tem uma questão que se vai usar para guloseima, que guloseima que é, que dia da semana. Tem que ter um controle, tem que ter uma prestação de contas, tem que ter um dia certo para poder dar essa mesada. Tem que ensinar que parte da mesada ela gasta, parte ela investe. E doar também, eu acho que é importante a aprender a doação também, né? Então, tem que ter regras.

A questão de condicionar o pagamento de mesadas a tarefa domésticas, eu sou radicalmente contra. Por quê? Isso é obrigação da criança, claro que a gente não vai obrigar a criança a fazer uma faxina em casa, mas ela pode sim pegar o seu chinelo lá e guardar o seu calçado. Pequenas tarefas ela que tem que aprender desde pequena. E família, gente, é uma comunidade ali. Então, todo mundo tem que se ajudar. A gente não pode atrelar, né? Tem até gente que critica a questão da mesada, dizendo que a criança... a gente não deve dar o dinheiro para ela, que ela tem que aprender a ganhar, e fala a questão do empreendedorismo. Eu, na minha posição, eu não sou radical dizendo que tem que haver ou não. Eu só acredito que se for dar mesada, tem que ter regras e tem que ter esses combinados, né?

A questão do orçamento da família, a família não deve abrir tudo, né? Não precisa colocar todas as contas, o filho não precisa saber de tudo também não, né? A família que tem um controle ali, os pais, eles têm que mostrar limites, eles não podem... a criança tem que saber que o dinheiro tem fim, que os pais podem ir até determinado ponto e não podem atender todos os desejos dela, mas abre as informações até um certo ponto. Quem tem que ter o controle do dinheiro da família são os pais e não as crianças, ou adolescentes, que sejam.

SRA. YARA SILVA ÁVILA: Eu só queria comentar essa questão da tarefa. O que eu percebo muito é que às vezes os pais passam para as crianças as obrigações de coisas que elas poderiam ajudar em casa, mas sem às vezes valorizar um pouco de que ali todos moram, todos comem, todos dormem. Então, aquilo não é uma obrigação; aquilo faz parte para se viver bem, para ter qualidade dentro de casa. Então, a criança acha: "Ah, eu sou obrigado". Um dia eu escutei um menino de 5 anos falando: "Na minha casa eu sou escravo. Eu tenho que catar tudo da minha irmãzinha". Não, você está ajudando a sua irmãzinha, porque ela ainda não tem condição. Vocês são uma família. Todo mundo, um pelo outro.

Então, não é a minha obrigação e eu tenho que fazer isso. Se eu fizer isso, você me dá dinheiro? E essa questão também, que a Cristina falou, que eu acho importante: ah, a gente vai viajar para a praia em janeiro. Vamos fazer um cofrinho e colocar moedinha para essa viagem da praia? Às vezes, você vai querer um picolé, vai querer alguma coisa. Porque eu vejo muito uma desvalorização de moeda, como se moeda não fosse dinheiro, só nota. Ah, então vê moedinha, não cata, deixa de lado.

E aquele pequenininho ali, ele vai fazer uma diferença depois. Então, mostrar um pouco isso para a criança, o valor real do dinheiro. O difícil que é ganhar dinheiro e também esse cuidado de não falar assim: ah, porque eu trabalho o dia inteiro, não tenho tempo para brincar com você para eu ganhar dinheiro. Não associar que trabalho é só dinheiro. Então, pensar um pouco nesses aspectos também.

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Mais alguém?

SRA. CLÁUDIA: Eu quero fazer uma pergunta à Mesa. O meu nome é Cláudia. Eu sou lá da Escola Estadual de Defesa do Consumidor e a gente trabalha com a educação para o consumo e às vezes passa desafios dentro de casa e não sabe como resolvê-los, né? Então, eu tenho uma filha adolescente, de 12 anos, e eu acho que eu sou um bom exemplo, assim, de um consumo mais consciente, de alguém que tem um consumo mais crítico, pelo menos tento ser. E agora a minha filha, na adolescência, e mesmo procurando uma escola em que eu veja que há preocupação em passar um consumo consciente, eu percebo que há diversos ambientes que influenciam os costumes e que acabam tendo um peso muito grande, embora a gente dê educação dentro de casa.

Então, às vezes eu percebo uma fala ou vejo um comportamento da minha filha e me pergunto: mas de onde veio isso? De onde veio? E fico sem saber como agir, porque às vezes você reprime ou faz alguma coisa e aquilo soa como uma repressão e ganha uma outra conotação, ou ganha força, aquilo que você gostaria que apagasse, acaba ganhando força. Então, eu gostaria de saber de vocês como que a gente pode agir para que esses ambientes influenciem menos nesse comportamento dos filhos. E não sei se na adolescência há muita transformação e acaba que acontece isso mesmo.

Outra questão é: o que vocês pensam a respeito de um adolescente ter uma atividade em que ela tenha para si uma certa remuneração? Digamos, a venda de uma bijuteria para os coleguinhas, um artesanato que ela faça ou ele faça, como que vocês veem isso?

SRA. ADRIANA FILETO: Cláudia, bom, lidar com adolescente, eu ainda não cheguei nessa fase. Eu tenho um menino de 4 anos, já é difícil também. Muitas vezes a gente tem que... eu acredito, as psicólogas vão poder fazer melhor sobre essa questão aí, mas eu vejo que é paciência, e explicando, e dando o exemplo e persistindo aí com essa questão.

Agora, em relação a esse empreendedorismo aí da sua filha, eu acho fantástico. Eu acho que é por aí mesmo. Então, o jovem, ele tem que entender que o dinheiro tem valor, que a gente demora a ganhar, tem todo um esforço por trás e é muito bacana ela poder, qualquer jovem, desde que, claro, não atrapalhe os estudos, porque o estudo deve ser prioridade, mas que ela tenha algumas formas inteligentes, utilizando os talentos dela, para poder ter um dinheiro próprio. É superbacana.

Agora, é importante também tentar passar algumas noções básicas de empreendedorismo, no sentido de que tem que guardar um pouco do dinheiro para poder fazer um novo produto, para fazer girar. Enfim, tem o Sebrae, tem uns cursos pequenos aí, até de pequenos empreendedores que podem até auxiliar nessa parte. Mas eu acho fantástico.

SRA. CRISTINA SILVEIRA: É, agora na parte da adolescência, é claro, é assim, muita calma nessa hora, né? Porque a adolescência é um período difícil mesmo para

os pais. Eles são do contra a maioria das vezes e eles querem ser aceitos pelos grupos, né? Então, aí entra muito uma questão dos valores familiares que eu falei lá atrás, né? Então, assim, se desde pequeno, se desde criança a criança for envolvida nesse processo da família, de trabalhar junto com os seus valores, junto com aquilo que você pensa, com a presença, companheirismo, mesmo ela atravessando essa fase da adolescência, ela já internalizou esses valores que você passou para ela.

Ou seja, ela está na turminha, ela quer ser aceita por aquela turminha, mas você vai dar um chamado para ela. Vai sempre chamar, sempre conversar, sempre trazer ela junto, né? Porque eu vejo muito isso com os jovens hoje, é essa questão do consumo, virou de repente uma forma de ser aceito no grupo. Então, se você não tem o tênis da Nike, você não faz parte do grupo. Ninguém fala isso, mas todo mundo já exclui, né? Se você não vai à Europa ou se você não tem determinado tipo de coisa que o grupo tem, você é menos que o grupo. Então, vamos ver com ela se vale a pena ela fazer parte desse grupo, né? É um outro valor e é uma outra experiência que ela vai ter que ter na vida, não é?

A gente, ela falou várias vezes, a gente leva não a vida inteira e a gente tem que aprender a fazer do limão uma limonada e trabalhar isso na sociedade. Então assim, eu não tenho dinheiro para ir à Europa todo ano. Então, tem festas de filho da gente que às vezes eu evito sentar na mesa dessas pessoas, porque eu não sou igual a elas. Então, aí começa a diferença mesmo, do meu valor para o valor da outra família. Isso tem que ficar claro para ela. Qual que é o seu valor, minha filha? Olha, o seu valor é esse? É. Eu não sei o que está acontecendo, mas tem muito caso aí, é ir em baile funk, é não sei o quê. O seu valor é esse? O que você quer para você?

Então, tem que ter diálogo sempre nessa fase de adolescência. Não adianta você também querer ir para o embate, porque a força que você vai usar numa ação vai ser a força que vai vir na reação, dependendo do caso. Então, eles estão inseguros, às vezes parte de uma insegurança para a agressividade muito rápido, né? Estão em fase de transformação, hormônios borbulhando, né? Então, muita calma, muito diálogo. Eu te dou essa dica assim.

SRA. YARA SILVA ÁVILA: Só complementando um pouco, essa questão do adolescente, ele é muito focado em grupos. A gente assiste às vezes esses filmes, Sessão da Tarde, High School, você vê sempre a turma das patricinhas, a turma dos diferentes. Aquilo ali bem dividido, sempre um tentando entrar na turma do popular e não consegue. E aí tem que ter algum artifício, alguma coisa para fazer parte.

Então, o que eu costumo às vezes a fazer com que eles reflitam é tentar voltar para aquela questão do ser. Você entra no grupo, mas para você ficar no grupo não é você comprando um monte de coisas, mas você fica pela sua simpatia, pela sua empatia, pela sua relação de solidariedade. Você fica pelo que você é e não pelo que você tem. Então, talvez dar oportunidade de eles refletirem um pouco até que ponto que esse amigo é amigo mesmo ou ele está ali por interesse ou ele é só passageiro ou é uma ponte para eu entrar, porque às vezes quando eu estou dentro daquele contexto, eu não me identifico.

Ah, eu achei que era tão legal aquele grupo, mas agora que eu faço parte dele, eu acho que essas pessoas não têm nada a ver comigo. Aí eu começo a me afastar. Porque realmente se você entra com punição, se você entra com uma repressão, às vezes ele vai insistir naquilo ali e não vai refletir: "Ah, a minha mãe não quer, o meu pai não quer? Então, agora que eu vou entrar mesmo". É um momento muito delicado do adolescente, que é um momento de experimentação.

E eu brinco muito com o adolescente, tem hora que ele parece um bebê que pede colo, tem hora que ele acha que ele manda mais do que Deus. Ele tem um dedinho mágico lá que ele pode tudo. Então, a gente, como educador, como pai, a gente tem que ter uma certa paciência e ouvir um pouco. Por que ele quer tanto entrar nesse grupo? O que tem nesse grupo que está chamando a atenção dele? Ouvir.

SRA. CRISTINA SILVEIRA: É, é ouvir e vigiar. Tem que ficar vigilante, porque 12 anos... é 12, né? Não é idade de independência não, tá? Então assim, independência em termos. Pode ir no shopping com a turma dos amigos, mas você vigiando, sabendo com quem vai, porque hoje está uma coisa assim de uma liberdade exacerbada que os meninos não têm competência emocional para ter, sabe? Eu acho que estão dando para as crianças e para os adolescentes determinadas responsabilidades e liberdades que eles ainda não têm amadurecimento emocional para tal.

Então, eu acho que a obrigação nossa, como pais e educadores, etc., é vigiar, é estar ali do lado, é acompanhar com quem você está andando, porque a gente sabe das experimentações de droga, cada vez mais cedo, drogas variadas, que estão chegando no mercado. E as experimentações sexuais também, sem ter valor, sem ter valor agregado. Então, vou transar com aquele cara ali, porque a minha amiga também transou, eu quero fazer parte, eu quero saber como que é. Então, tem gente que chega no consultório: "Transei". O quê? Como assim transou? "Transei. Rolou". E o valor agregado nisso, né?

SRA. YARA SILVA ÁVILA: Eu peguei, né?

SRA. CRISTINA SILVEIRA: Peguei.

[falas sobrepostas]

SRA. YARA SILVA ÁVILA: Eu escuto muito de meninas de 12 anos isso: "Nossa, no final de semana eu peguei três meninos". Assim, é uma desvalorização total de sentimento da relação.

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Vamos adiante? Mais perguntas? Desirée.

SRA. DESIRÉE RUAS: O meu nome é Desirée Ruas. Eu sou jornalista, trabalho com educação ambiental, já acompanho aqui o trabalho aqui do Procon e todas as discussões sobre o consumo. E para a gente da Rede Brasileira Infância e Consumo, que eu represento também, a Rebrinc, é uma alegria ver as meninas, as três, tanto a Cristina, quanto a Yara, quanto a Adriana, elas já colaboram e já participam com a gente nessa discussão tão difícil que é lidar com essa questão do consumismo infantil.

E os temas trabalhados no momento educativo ao longo das edições desse ano, a questão da alimentação, da adultização, do consumismo e agora da educação financeira, como isso tudo está interligado e como é um desafio a cada dia a gente estar pensando como que a gente vai lidar enquanto pai, enquanto mãe, enquanto educador com essas demandas que são colocadas pela indústria, pela publicidade. E aí eu gostaria de ouvir um pouquinho cada uma de vocês, de frisar o quanto que o consumismo, ele traz pontos, situações conflituosas, difíceis para a infância.

E eu fico pensando a questão do estresse familiar que vive essa criança que chega para os pais e fala: "Não, a gente precisa comprar determinado produto porque todo mundo da minha sala tem". O quanto que os pais assumem essas dívidas e ficam pagando, por exemplo, os ovos de Páscoa o ano inteiro, né? Dar um exemplo só aqui bem básico de um produto que você consome em 20 minutos, você às vezes parcela em seis vezes, porque o mercado te oferece essa opção. E o quanto que a gente perde essa noção crítica de que: não, gente, não pode comprar ovo de Páscoa de 6 vezes, de 12 vezes. Vai chegar a Páscoa do ano que vem, a gente ainda vai estar pagando.

E a questão do Natal que está se aproximando, novamente vem todos aqueles comerciais, e o quanto que não só as crianças ficam muito tempo na frente da televisão. E hoje, o quanto que esse apelo para o consumo, ele está menos na televisão e mais nos jogos eletrônicos, na internet, no e-mail. E o quanto as crianças

estão nessas várias telas e quanto que essas telas estão incentivando para o consumo.

Outros pontos sérios, que nós já até discutimos em seminários aqui, que é a questão da relação do consumismo com a violência, né? O quanto que a gente tem hoje jovens infratores, porque eles querem ter o celular, querer ter o tênis. Isso tudo tem que ser pensado numa sociedade, caminhando aí, tentando buscar uma sociedade melhor.

A questão da questão dos valores, que já foi falado aqui também. Mas eu queria lembrar da questão da adultização. Quanto que o mercado coloca, principalmente para as meninas, elas crescerem antes da hora, porque é importante para elas, ter uma mulher, uma consumidora mulher mais cedo. E produtos que são colocados para as meninas, como saltinhos altos e sutiã para menina de a partir de 4, 2, 3, 4 anos, as lojas já estão oferecendo, e o sapato de salto, e a maquiagem infantil, e o cosmético, e uma série de produtos totalmente inúteis, se a gente pode falar assim. Não só inúteis como prejudiciais.

Então, essa relação entre pensar o que eu vou comprar, pensar o poder de que a publicidade em cima dessa família, em cima dessas crianças, e relacionar um pouco com a educação financeira essa questão da adultização, que é tão séria e tão perigosa. Tem esse lado da erotização, não só da adultização, mas da erotização, que a mídia tanto coloca.

Então, eu queria ouvir um pouquinho, que eu tenho certeza que vocês têm ótimas colaborações nesse sentido. E parabenizar pelo... Jaqueline e toda a equipe, dessa oportunidade da gente estar discutindo esse tema, que a Rebrinc e todas as instituições que trabalham no combate ao consumismo infantil. Obrigado, gente.

SRA. CRISTINA SILVEIRA: A Desirée é ótima. Nós vamos fazer um livro, só com a sua pergunta aí, a gente vai escrever um livro. Olha, eu acho que, a opinião minha, eu tenho dez anos que eu tenho um grupo, que chama Resgatando a Infância. A gente começou com esse grupo, eu, o Ronaldo fraga, a Filó, a pediatra e outras pessoas, porque a gente começou a ver tanto na moda, como no consultório de pediatria, como no consultório de psicologia, essa adultização que a Desirée falou aí. Então, a coisa só veio agravando.

A gente falou: "Olha, nós temos que fazer alguma coisa. Não podemos ficar parados, de braços cruzados". Aí criamos esse grupo. Associamos com a Aliança Pela Infância. Durante muito tempo, para fazer ações pelo brincar, não é? Agora eu estou passando a bola para a Desirée e para a Aldeia Jabuticaba, que é um lugar também muito bacana de brincar, e tem outros lugares legais aqui em Belo Horizonte, né? Como o Correcutia também, que são casas de brincar, que eu acho que é uma onda contrária da sociedade, contra esse consumismo, contra essa adultização da criança, porque eu acho que é isso que a gente tem que fazer, não é?

A gente ter a consciência de que o consumismo está aí, infelizmente, a mídia, a indústria se aproveita do filão da infância, das crianças que ficam sozinhas em frente à televisão, nos jogos eletrônicos, que agora vem aquele monte de propaganda, e às vezes nas séries, durante as séries, para a série, vem a propaganda, na parte mais legal da série assim. Então assim, é muito abusivo essa invasão da indústria e da mídia, no sentido do consumismo com criança e com adolescente, sim.

Agora, o que a gente pode fazer são esses movimentos contrários, e, além disso, e mais importante, é a gente ter consciência de quem somos nós, cada um de nós, a partir de nós. Saber: olha, eu preciso disso? Por que eu trabalho 24 horas por dia? Para que eu quero esse tanto de dinheiro? Para que eu preciso desse produto? O que eu estou trocando com esse tempo que eu estou dando para o meu trabalho? Com esse dinheiro que eu acho que eu tenho que ganhar? O que eu estou trocando? Qual que é o valor para mim de estar com o meu filho, de estar com a minha família, de estar com quem eu gosto, de fazer coisas que eu gosto, que podem ser coisas simples?

Você não precisa passar férias num navio no Caribe. Você pode passar férias de uma forma mais simples e prazerosa, não é verdade? Então, é tirar esse chip que foi implantado dentro da gente pela propaganda, pela mídia, e descobrir quem somos nós. O que eu quero de verdade para mim? Muita gente não sabe, muita gente não sabe. Quem sou eu, o que eu pretendo para a minha vida, qual que é a minha meta de vida? Em cima disso, eu fazer a minha educação financeira, eu passar os meus valores para os meus filhos, se eu tiver, junto com a minha mulher, junto com a minha namorada, junto com os meus amigos, escolher os meus amigos.

Quem são os amigos com quem eu quero conviver? Que tipo de trabalho que eu quero fazer? Tem gente que vive uma vida inteira num trabalho infeliz, adoecendo. Então, isso faz parte, sim, da educação como um todo, que entra o consumo. Eu estou trabalhando nisso para quê? Para comprar, para consumir, para ganhar, para comprar o quê, né? Vamos pensar sobre isso. Eu acho que tudo começa aí.

SRA. YARA SILVA ÁVILA: Eu queria falar, além de tudo que ela já falou, que é muito importante, mais uma vez voltar naquele desafio nosso de tentar ter uma simplificação das coisas. Eu acho que muitas vezes falta equilíbrio, bom senso, saber realmente qual é o valor da família, tentar passar isso para a criança. Eu vejo, por exemplo, princesa. Sempre existiu contos de fadas, sempre existiu a fantasia. Quem nunca vestiu de herói, quem nunca vestiu de princesa? Isso faz parte do imaginário da criança, faz parte do aprendizado, do desenvolvimento, mas agora vem a mídia e complementa. Ela vai em cima desse discurso e coloca.

Então, você vê aí toda hora uma limusine rosa parando no McDonald's, desce aquele bando de princesinha de salto alto, achando que um dia elas vão casar com um príncipe encantado, que vai trabalhar, que vai levar ela para viagem no exterior, que ela vai sempre linda, maquiada, bonita, não vai precisar de fazer nada. E vem essa questão, tirando toda a riqueza da fantasia, de imaginar, de entrar na história. Eu brinco que quando a gente abre um livro, você tem toda a imaginação de criar o seu personagem. Você vê quem que é o personagem que você identifica, quem que você quer ser, como que é aquele cenário. Você vai criando.

Hoje, você olha um filme, ele já criou tudo para você. Você só identifica. Você não tem aquela criação. E o que eu tenho visto é que os pais têm terceirizado muito os filhos. A escola educa, o professor... agindo dos meninos, às vezes eles chegam para fazer um planejamento de estudo: "Ah, eu não tenho hora para estudar, não. Porque ele tem aula disso, aula daquilo". Fora o trânsito. O menino fica mais tempo no trânsito do que em casa.

Então, se a criança não tem uma agenda, não tem um livre de brincar, não pode fantasiar e o tempo que ela tem em casa é uma babá via TV que educa ela com propaganda, fica difícil do pai conter isso. Então, eu acho que falta muito bom senso, falta disponibilidade, sabe? Quando a gente vai ser pai, a gente pensa: eu quero mesmo um filho? Porque filho dá trabalho, educar dá trabalho. Você tem que ter tempo disponível. Às vezes você chega exausto, você não tem tempo para o seu filho. Você nem olha no olho dele. Você já vai falando um monte de coisa e andando, né?

Eu costumo falar: você tem um filho de 3, 4 anos, ajoelha, olha nos olhinhos dele e responde o que ele está te perguntando. Sai andando e o menino correndo atrás querendo uma resposta. Então, a mídia entra com todo o vapor porque a criança está ali, à mercê do desejo dela. Ela fica ali esperando. Quem vai dar atenção para ela. Muitas vezes a TV é que está dando atenção. A TV é que está tomando conta dela naquele momento, né? Então, eu acho que muito é a gente se policiar e ter disponibilidade. Mesmo que sejam dez minutos, mas dez minutos de qualidade.

SRA. ADRIANA FILETO: Eu concordo com tudo que as duas disseram. Só complementando um pouquinho a importância do livre brincar, de ir para a pracinha, de ficar junto e tudo. Mas também ao mesmo tempo eu não sou radical, ao ponto de achar que não pode ter o tablet, não pode ter TV, mas tudo tem que ter equilíbrio, né?

Então, tem que ser um tempo limitado ali. Eu gosto muito, não é fazer a propaganda, mas eu gosto muito do Netflix, porque não tem comercial, né? Então, têm muitos programas educativos, que a criança pode assistir desenhos.

Tem hora que a gente realmente precisa de fazer, cozinhar, fazer alguma atividade. Não tem como olhar a criança. Então, em algum momento, você acaba utilizando. Mas não pode ser horas, como eu falei do Instituto Alana, que diz que as crianças brasileiras ficam mais de cinco horas por dia na frente da TV. Isso não pode, né? Então a gente tem que saber equilibrar. O tablet também é em recurso interessante. Têm muitos joguinhos, mas o ideal é que tenha sempre um adulto acompanhando, mesmo porque eu já vi os jogos maliciosos que abrem, né? Então, jogos até que parecia de vampiro, coisas meio até de conotação sexual mesmo abrindo no joguinho de tablet, de criança.

Então, a gente não deve entregar um controle remoto e nem um tablet e deixar a criança sozinha durante longos períodos. Eu acredito que tenha que ter um acompanhamento. E ler, gente. Leitura de livro é o que as crianças mais adoram fazer. Então, vamos criar o hábito de ler todo dia, de colocar revistinha, livro, tudo mais, porque é importante inclusive para o desenvolvimento cognitivo, para a fantasia. O filme está tudo muito pronto ali, televisão. Então, a gente tem que buscar alternativas aí para a criança poder criar, né? Então, eu acho que é por aí.

[falas sobrepostas]

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Pois não.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO [01:32:03]: [ininteligível] Programa de Educação Fiscal da Secretaria da Fazenda. Eu queria, vai muito de acordo com a pergunta que já foi feita, já foi trabalhada, mas me preocupa, assim, a questão de trabalhar a educação financeira como enriquecimento do ser, enriquecimento pessoal, em contraponto a uma educação financeira que vem a primeira ideia como uma educação bancária, enriquecimento físico mesmo. Como dividir isso para criar valores novos? O enriquecimento pessoal em contraponto ao enriquecimento do dinheiro.

SRA. ADRIANA FILETO: Tá. Bom, posso falar? Eu vejo que a questão do dinheiro, ter dinheiro, de ter coisas em si não é ruim. Consumir é importante. A gente precisa de consumir para viver, mas não pode ter uma valorização excessiva, né? Então, foi colocado aqui, eu acho que a Yara falou, a questão de atrelar trabalho a ter dinheiro. Eu vou trabalhar para ter dinheiro. Trabalhar não é só para ter dinheiro. A gente tem um valor social ali no trabalho. Seja qualquer trabalho, se eu sou professora, eu estou dando aula, eu estou ensinando os alunos. Se eu sou uma cozinheira, eu estou fazendo uma alimentação saudável ali para as pessoas. A gente tem que ter o valor social das coisas.

E é importante a criança, o jovem, todo mundo, entender desses produtos bancários, produtos financeiros. Mas o dinheiro não é só para a gente se enriquecer, a gente tem que pensar no outro também. A questão da doação, a questão de investir. O pensar no longo prazo, né? Então, a gente tem que... uma das coisas que eu mais trabalho a questão da educação financeira é a questão do plano de vida. Então, saber o que eu quero para a minha vida? O que eu quero daqui um ano, dois anos, dez anos? As próprias famílias têm que fazer isso, né? Aí a partir desse plano de vida é que se pode estruturar a questão financeira da pessoa, do indivíduo ou da família, né?

Mas a gente tem que lembrar que tem outras coisas. Nem tudo é dinheiro, né? Então, tem a questão do livre brincar, da música, da arte. Então, tem muita coisa que a gente pode fazer gastando pouco dinheiro ou nenhum e eu acho que a gente tem que tentar ajudar o próximo também. Porque a gente está vivendo um mundo assim bem complicado, né? Se a gente ficar só se atendo à questão financeira o tempo inteiro, eu acho que a gente acaba ficando infeliz, né? Eu acho que tem que ter um equilíbrio aí nesses pontos.

SRA. YARA SILVA ÁVILA: Eu penso também nessa questão. A gente não pode passar para a criança que consumir é algo ruim, mas que assim, a gente está buscando uma qualidade de vida melhor, a gente está crescendo, a gente tem metas. O que eu vejo, muita dificuldade, principalmente nos adolescentes, que às vezes eles chegam no meu consultório, eu vou perguntar para eles as metas que eles têm. Como você se vê daqui quatro, cinco anos? Muitos estão fazendo aí o Enem ou estão pensando em que vão ser, profissionalmente, eles não têm meta nem para daqui uma semana.

Têm crianças, adolescentes, de 12, 13 anos, que falam: "Ah, eu não sei, não. Eu sou muito novo para ter meta. Eu só quero saber agora de sair, de gastar dinheiro, de ter um celular, ter um iPhone 7". Eles não têm essa preocupação no dia de amanhã. Então, eu acho que, assim, essa questão do consumir é importante, mas é o consumir consciente, de forma sustentável. É esse que eu acho que é o grande desafio.

SRA. ADRIANA FILETO: Deixa eu só completar um pouquinho o que a Yara falou, que eu achei importante. O jovem, gente, realmente ele não gosta de ter uma visão de longo prazo. Você fala para o jovem: ah, vamos investir na aposentadoria, plano de previdência. Eles acham que é uma coisa que vai acontecer daqui um século, né? Então, é um pouco difícil trabalhar isso. Talvez, tem alguns até que têm essa visão, já fazem os seus planos de previdência com antecedência, mas talvez seja interessante trabalhar em prazos mais curtos, né?

Então não pensar em prazo muito longo, mas, ó, o final do ano, daqui a três meses, talvez a família, dando palpite, mas os psicólogos tentar criarem metas mais, assim, mais próximas do tempo e mais paulatinas, porque eles realmente eles não querem muito saber, não. Mas é uma grande, aliás, é mais difícil educar financeiramente adolescente do que até muitas vezes o adulto e a criança. Porque eles acham que podem tudo, que têm todo o tempo do mundo pela frente. Mas é preciso trabalhar isso.

SRA. CRISTINA SILVEIRA: E tem também a questão do adulto, né? Porque às vezes é aquilo que eu falei: quando você se conhece, quando você sabe quem é você, quais são os seus valores, o que te traz paz, o que te traz realização, você sabe exatamente o que você não quer. Porque eu não preciso fazer uma viagem de navio para o Caribe para eu ficar bem, para eu ficar feliz. Então, a partir disso, dessa segurança, dessa tranquilidade, a gente entende o que você precisa.

Então, você não precisa ser um cara milionário para você poder ser feliz. Então, você não precisa comer McDonald's para ser feliz, igual a propaganda fala, McDonald's Feliz. Felicidade é uma coisa muito diferente disso. Felicidade é saber quem é você, é você se conhecer dentro da sua simplicidade, dentro do que você quer realmente. Isso é a coisa mais difícil de fazer. É a viagem mais difícil que o ser humano pode tentar fazer é essa, mas é a mais prazerosa. Porque a partir daí você sabe o que você não quer. Eu não quero isso que a propaganda está falando. Eu não quero isso que essa pessoa está fazendo, porque eu sou isso aqui, eu não sou aquilo ali. Então, você se diferencia do que você não é, certo?

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTÁ: Mais alguma pergunta? Então, se ninguém vai perguntar, eu vou perguntar agora. Eu anotei aqui umas questões, eu acho que por tudo que foi falado, e por eu ser pai também, eu acho que a gente precisa ter uma mensagem concreta para os pais. Eu acho que de alguma forma a gente precisava organizar isso para colocar no site do Procon. Eu falo no nosso site porque a gente está fazendo uma reformulação, uma coisa bem simples. Este evento é o último, né, do momento educativo, né, Jaqueline? Então, eu penso que a gente tem que ter uma mensagem para os pais, porque os pais quando são pais, eles não têm essa noção, me parece. Vem com o tempo e quando o filho já cresceu, com os seus erros e acertos, aí a pessoa fica refletindo.

Uma outra questão que eu acho que é importante, a gente tem um Fundo Estadual de Proteção ao Consumidor, que tem dinheiro para a gente custear uma campanha que talvez pudesse ser uma mensagem para os pais, em relação a esse tema. Eu

acho que é uma coisa que a gente podia construir juntos. A minha ideia, eu perguntei à Jaqueline se era o último evento, não... para o ano que vem, mas o evento desse ano. Porque a gente tem uma ideia desde o primeiro evento, Desirée, que é de convidar todas as pessoas que participaram desse momento e fazermos uma reunião lá no Procon. E eu diria, a gente receber de vocês, sabe, uma ajuda que pudesse ser materializada em projetos que a gente pudesse desenvolver para o ano.

A questão, eu penso numa campanha, nós tivemos quatro temas aí, Desirée, que foram trabalhados: a questão da obesidade infantil, a questão do consumismo, da publicidade, a questão da erotização precoce e, agora, a questão da educação financeira. Como a Desirée falou, são temas interligados. Então, eu penso que uma contribuição que a gente pudesse dar para a sociedade é talvez fazer uma mensagem para os pais, bonita, que a gente pudesse veicular na mídia, sabe? Eu acho que fica esse convite para vocês, a gente vai fazer essa reunião para pensar nisso.

Uma mensagem que possa ser trabalhada por vocês, especialistas aí da educação, da psicologia, da economia, que talvez pudesse dar uma visão boa. Eu fiquei maravilhado aqui quando a Yara falou que a criança é mais ser do que ter, e que a gente muda a criança ao longo da formação. A mídia, por interesse econômico, e os pais, muitas vezes, por falta de tempo. Não tem tempo para o filho. Essa roda viva, que é trabalhar, que é se equilibrar aí, para poder dar o de melhor muitas vezes para os filhos, faz com que eles fiquem em segundo plano. Então, você tem uma série de situações que são muito interessantes. E valeria a pena a gente trabalhar alguma campanha talvez que a gente pudesse divulgar.

A questão dos jogos. Nós tivemos um evento na semana passada, que foi um evento em que a gente trabalhou a questão do seguro. O seguro é algo que a gente sabe que normalmente é um corretor de seguros quem te orienta e intermedia a relação do seguro. Aí você tem uma situação no Brasil que é o pouco engajamento da população em contratação de seguros, no conhecimento de seguros, e a partir disso o governo cria incentivos para a venda de seguros, que muitas vezes acabam sendo vendas casadas de seguros em lojas.

Quando você contrata um cartão de crédito vem um seguro embutido, você compra uma geladeira e vem um seguro embutido. Então, muitas vezes você força a barra para que você tenha uma... para dar um acesso, mas que não é um acesso; na verdade, você muitas vezes faz com que o consumidor compre o seguro muitas vezes sem ele saber que está comprando. E são idosos, são pessoas que vão nas lojas de eletrodomésticos e que sofrem uma série de questões.

E aí veio uma ideia que a gente colocou de se trabalhar a questão. A educação financeira, um dos pontos dela é a pessoa compreender o sentido, a finalidade dos contratos. E no Código Civil você tem o contrato de compra e venda, você tem um contrato de corretagem, você tem um contrato de seguro, você tem um contrato de prestação de serviços. Você tem vários contratos.

E aí uma pergunta que eu gostaria de fazer: será que a gente tem recursos para fazer, por exemplo, um jogo de contratos, em que a gente... o objetivo seja educar as crianças em relação aos tipos de contratos? E será que a gente tem técnica para incentivar um jogo desse, para que a criança possa brincar aprendendo a compra e venda? Eu pago um preço, a pessoa me entrega o bem, né?

SRA. ADRIANA FILETO: Um jogo eletrônico?

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Não sei. Um jogo que seja, que a criança possa brincar com os pais e todos de alguma forma aprenderem. Eu não sei, fica essa pergunta.

E uma outra pergunta, seriam duas, eu fiz aqui uma exposição, mas uma primeira questão que eu acho importante é que a gente vai fazer a reunião, né, Jaqueline?

Vamos convidar todos que passaram por esse momento educativo, fazer uma reunião, ver o que a gente pode doar para a sociedade em termos de projetos e de mensagens. Eu acho que fica, assim, essa questão para a gente trabalhar na reunião. Mas seriam duas perguntas. Essa questão do jogo dos contratos.

E uma outra questão, né? O pai às vezes tem dois filhos. Um capta logo a mensagem da economia, de não viver ostensivamente, de economizar, de viver de forma simples, como a simplicidade parece também que é um valor que a gente teria que trabalhar. E um outro filho, que recebeu a mesma educação, já tem uma postura totalmente diferente, consumista. Quer dizer, como que a psicologia explica isso? São duas perguntinhas só para a gente poder aprofundar aí as questões, né?

SRA. CRISTINA SILVEIRA: Sobre o filho, eu gostaria de falar, porque sobre os jogos eu acho que ela está mais... ela tem mais competência para falar isso. Apenas de que tem o Monopoly.

[risos]

SRA. CRISTINA SILVEIRA: Mas sobre os filhos é o seguinte: a criança, ela vem com determinadas características, assim, ela não é uma tábula rasa. Ela vem já trazendo um traço de personalidade e a gente vê isso em casa, vê às vezes quando você atende um irmão, passa um tempo, a família traz outro irmão, você vê que são pessoas completamente diferentes. Então assim, não tem uma explicação técnica para isso, a não ser que seja uma criança maior e que ela foi exposta a um ambiente diferenciado. Se for uma criança mais novinha, qual é a idade?

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Na verdade, a gente olha no crescimento, né? Foi criança, adolescente, hoje é adulto. E são pessoas diferentes.

SRA. CRISTINA SILVEIRA: Sim, no mesmo ambiente.

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: No mesmo ambiente.

SRA. CRISTINA SILVEIRA: Na mesma escola, mesmo tipo de educação.

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: É o mesmo ambiente em casa, escolas diferentes.

SRA. CRISTINA SILVEIRA: Então assim, a pessoa tem as suas características de personalidade, que as características, elas podem ser ampliadas, ou não, dependendo do estímulo ambiental. Ou seja, isso acontece muito com TDH, por exemplo. A pessoa tem o TDH, que o TDH, ele é 50% genético e 50% ambiental. Então, às vezes eles têm o 50% genético, mas o ambiente às vezes é tão bom, harmonioso e tal, que esse TDH pouco aparece, tá certo? Ou não. Às vezes é o contrário, é uma criança que não tinha talvez que 'startar' isso e 'starta' um TDH por conta de uma pressão ambiental, um ambiente conturbado, muita briga, etc. e tal. Então, ou seja, você já sabe aonde que você vai ter que investir mais, no sentido da educação financeira, né? Então, as pessoas são diferentes.

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: E a gente consegue mudar?

SRA. CRISTINA SILVEIRA: Ah, consegue mudar.

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: As pessoas?

SRA. CRISTINA SILVEIRA: Consegue mudar.

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: O TDH que você fala, Yara?

SRA. CRISTINA SILVEIRA: Cristina.

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Cristina, desculpa. O que significa?

SRA. CRISTINA SILVEIRA: Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade.

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Ok.

SRA. YARA SILVA ÁVILA: Complementando um pouquinho isso que a Cristina falou, eu percebo também que às vezes nós, pais, temos a tendência de falar: ah, a gente cria igual, é tudo igual, mas o momento em que essas crianças nasceram, a gente também estava diferente. A gente tinha uma idade diferente. Os compromissos financeiros talvez fossem diferentes. Talvez para um estivesse num momento melhor, para o outro pior, tanto emocionalmente como financeiramente. Então, tudo isso interfere, né? A gente que tende a comparar e tentar agregar e tentar fazer com que os irmãos se pareçam. Pode ver nos gêmeos que às vezes você tem gêmeos fisicamente iguais e com atitudes completamente diferentes.

A questão do jogo, eu tenho 29 anos que eu trabalho em consultório. Eu acho que tudo pode virar jogo. Tudo. Eu estava atendendo um casal, que eles chegavam no meu consultório, e um gritava com o outro. Eu não conseguia nem ser ouvida. Era um gritando daqui, o outro ali, de gente chegar a bater na minha porta perguntando se eu estava tendo algum problema. E isso foi logo na primeira sessão. Eu falei: Eu tenho que criar um mecanismo para que esses dois se escutem, né? Porque ouvir é uma coisa, escutar é outra. E aí eu criei um jogo.

Em que eles tinham regras, eles tinham que jogar, um tinha que falar, o outro tinha que ouvir. Então, a partir do momento que existe uma demanda e tem um contexto, eu acho que o jogo é um instrumento fantástico em qualquer idade. E muito pai surpreende porque às vezes numa sessão de família, eu coloco a família inteira para criar um jogo de trilha. Está todo mundo acostumado no jogo no computador.

Não, eles vão sentar, eles vão criar as cartas, eles vão jogar, vão fazer o peão, vão fazer o dado. Às vezes em uma sessão, só de eles estarem reunidos criando um jogo e criando regras, eles começam a ver o tanto que dentro de casa essas regras estão perdidas, essas questões familiares não acontecem. E são coisas simples. Eu acho que a gente não precisa de muito. A gente tem que ser criativo.

SRA. ADRIANA FILETO: Bom, eu não sou psicóloga, não vou dar palpite aí nessa questão aí da diferença, mas imagino que a genética, claro, tem um peso aí também. Mas em relação aos jogos, é possível criar. Quando a gente cria um jogo, o que a gente avalia? Quais são os objetivos do jogo, o número de jogadores, tempo. Então, é possível, sim. Aí a gente tem que sentar e pensar. Depois fazer um teste com um grupo, mas pelo que eu entendi deve ser alguma coisa eletrônica, que a pessoa acessa o site e joga, a família, que seja?

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Pois é, não sei. Se fosse... eu pensei naquele joguinho mais manual mesmo, né?

SRA. ADRIANA FILETO: Aí, pois é, manual o quê? A pessoa... mas vai distribuir nas escolas, como que é?

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Eu sou do tempo do Banco Imobiliário, alguma coisa eu acho que pudesse ser parecida, cujo foco fosse...

SRA. ADRIANA FILETO: Sim.

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Não através de definições, eu

penso, penso eu, mas o jogo no jogar, passando... porque o Código do Consumidor, ele tem um artigo, que é o artigo, para mim um dos mais importantes, que é o art. 51, § 1º. Toda noção de equilíbrio, Cristina, Yara e Adriana, o equilíbrio contratual, né? Então, ele fala sobre isso, é o princípio do equilíbrio.

Como que a gente afere o equilíbrio contratual? Aquela situação de você pagar um preço por um produto, você ter uma satisfação e paga um preço. Como que a gente consegue regular esse equilíbrio do preço em relação à satisfação que você vai ter? E ele fala lá que são critérios, são fatores, assim, objetivos como a natureza do contrato. Qual que é a essência do contrato, não é? Qual que é a finalidade do contrato? Qual que é o objetivo que as partes têm no contrato?

SRA. ADRIANA FILETO: Quais os pontos que tem que prestar atenção, né?

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: É. E a partir disso você pode fazer um contrato em que você, por exemplo, coloque uma cláusula que não tem nada a ver com a natureza do contrato e que, na verdade, você coloca aquilo só para ganhar.

SRA. ADRIANA FILETO: Tem um nome para isso, como que é?

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: São cláusulas leoninas e etc. Mas o que eu penso é o seguinte, os diversos contratos existem e a gente pode iniciar as crianças com uma estratégia de jogo que possa destacar a ciência dos contratos.

[falas sobrepostas]

SRA. ADRIANA FILETO: A minha cabeça já está a mil aqui, eu estou imaginando inclusive que elas podem conferir lá se está certo as contas, os juros.

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Então, a essência, né?

SRA. ADRIANA FILETO: Podemos.

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: O que a pessoa quer com o contrato? Qual que é, por exemplo, a gente fez uma discussão lá no dia dos seguros, que foi o contrato de seguro de automóvel. Então, a minha tarefa lá no evento era fazer uma proposta de simplificação do contrato de seguro. Aí quando eu analisei o meu contrato de seguro do meu carro, eu fui ver que, além do problema envolvendo o carro, tem assistências, que é o chaveiro, caso a chave quebre lá no usar.

Então, 34 serviços de assistência que a gente que não lê o contrato, porque é um manual que é daquele tamanho, você pode muitas vezes precisar e não usar e pagar, mas está lá no contrato. Então, em tese, seria isso. Destacar a essência, os objetivos, a finalidade. Eu não sei se a gente conseguiria pegar todos os contratos que estão no código e, de repente, fazer um trabalho que fosse dirigido para isso, né? Sinceramente, eu--

SRA. ADRIANA FILETO: Tem que parar e pensar, porque tem que ser também, Dr. Amauri, um jogo atrativo.

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: É nesse sentido que eu estou colocando.

SRA. ADRIANA FILETO: Se for aquela coisa, aquele texto jurídico pesado já afasta. Mas eu acho que a gente pode pegar de uma forma simplificada, embora não reflita a realidade, mas que pegue o tema. O seguro vai visar o quê? Segurar um bem. Pode ser um carro, um automóvel. Quais são os princípios básicos que você tem que

prestar atenção? Direitos e deveres, quais os casos que tem que pagar franquia, etc.? Pode fazer versões simplificadas da realidade. Aí eu acho--

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Perguntas e respostas, eu acho que, de forma simples, eu acho que poderia, né? Mas é uma questão que fica aí para a reflexão.

SRA. ADRIANA FILETO: É, a gente tem que criar.

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: A gente não tem condições de chegar a uma conclusão.

Mais alguma pergunta? Então, eu vou passar a palavra aos nossos convidados que abrilhantaram a tarde de hoje. Eu poderia dizer que esse evento, ele está entre os melhores aqui nossos desse ano. Com toda a certeza, eu acho que... né, Jaqueline? O evento de hoje está entre um dos melhores, né? Eu acho que a gente não tem dúvida quanto a isso. Eu vou passar aqui então a palavra para os nossos convidados, para que eles possam fazer a sua manifestação final. E logo a seguir a gente faz o encerramento.

SRA. CRISTINA SILVEIRA: Eu só tenho a agradecer, à Jacqueline, à equipe toda, à Desirée, ao Dr. Amauri, por estar aqui hoje conversando com vocês e agradecer a presença de cada um de vocês que são muito importantes para nós, não é? De a gente estar aqui conversando, oportunidade da gente estar trocando conhecimento e me coloco à disposição de cada um para esclarecer qualquer dúvida que porventura tiver, tá certo? A Jaqueline tem o meu e-mail, é só perguntar para ela. E estou à disposição, Dr. Amauri, para o que o senhor precisar também.

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: Você vai receber um e-mail daqui a pouquinho.

[risos]

SRA. YARA SILVA ÁVILA: Eu queria também agradecer a todos e a oportunidade de estar aqui hoje. Para mim foi muito prazeroso. Eu fiquei muitos anos fora do Brasil, então eu voltei já tem um tempinho, mas eu ainda estou me readaptando, voltando para essa rotina minha de consultório aqui.

Eu espero ter conseguido passar alguma coisa, eu tentei passar de uma forma bem ampla, mas mais para a gente refletir no dia a dia, nas nossas relações. Eu vejo que as pessoas às vezes chegam muito cheias de perguntas e às vezes as coisas estão tão na nossa frente, tão mais simples do que a gente imagina. Então, é agradecer a cada um. Eu espero ter contribuído de alguma forma. Eu estou às ordens também. Obrigada.

SRA. ADRIANA FILETO: Bom, eu também agradeço ao convite, agradeço a presença de todos. E o que eu queria dizer, que a educação financeira, gente, é um prazer, é uma coisa bacana, mas é um grande desafio. Então, embora a gente não tenha fórmula, não existem fórmulas certinhas, a gente vai construindo, porque cada indivíduo é um indivíduo, cada turma é uma turma, né? Então, cabe ao professor, ao educador, ao pai, à mãe, sentir o clima ali da pessoa que ele está educando financeiramente e fazer as adaptações e ir experimentando.

Mas eu posso dizer que é importante, que vale a pena. E que a gente, é preciso a gente educar as crianças hoje para não punir os adultos lá na frente. Ou seja, para eles não sofreram tanto. Então, a gente tem que cuidar das nossas crianças já. Porque eu vejo muita gente queixando de filho adolescente, não é o caso aqui, viu, Cláudia? Eu não estou falando de você, não. Mas gente que reclama: "A minha filha é consumista, a minha filha é acomodada, não sei o quê", mas a gente conhece a

história, né? Lá atrás era aquela criança que tomava banho, jogava a toalha no chão, alguém catava, e que não tinha essa preocupação de cuidar das coisas dela desde pequena e uma preocupação com a família, financeira.

Ou seja, a gente tem que cuidar é desde pequeno, para poder futuramente ter um jovem, um adulto aí mais equilibrado e mais feliz. Pelo menos é isso que a gente procura fazer, né? Então, eu procurei compartilhar um pouquinho e também estou à disposição aí para contribuir no que puder.

SR. PRESIDENTE AMAURI ARTIMOS DA MATTA: A gente agradece mais uma vez a brilhante participação de vocês, a presença de todos aqui nesse evento. Nós teremos ainda, esse ano, me parece... é, nós temos dois encontros sobre regulação. Um vai tratar dos regulamentos bancários, do Banco Central, e direitos do consumidor. Então, a gente está preparando a vinda de um representante do Banco Central para traduzir para a gente uma série de direitos que nós, enquanto consumidores temos, em relação às instituições financeiras.

Um outro evento, que será no início de dezembro, que vai tratar sobre a rotulagem de alimentos. Então, nós vamos trazer um representante da Agência Nacional de Vigilância Sanitária para falar um pouquinho sobre a rotulagem de alimentos e tentar explicar para a gente um pouquinho o sentido, a lógica daquele rótulo que muitas vezes a gente não consegue enxergar. Muito pequenininho. E aí são os dois últimos eventos do consumo e regulação. A gente não tem as datas ainda porque precisa da confirmação das agências, mas fiquem atentos que já, já nós vamos colocar no site esses dois eventos.

Com isso, eu queria agradecer a presença de todos, fazer um agradecimento especial para a Jaqueline, que tão bem vem trabalhando esses eventos. Especialmente, o momento educativo, parece que é um dos eventos que ela mais gosta. E agradecendo à Jaqueline, a toda a equipe da Escola de Defesa do Consumidor, da nossa escola do Procon. Encerrar esse evento e desejar a todos uma boa noite.

[aplausos]